



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
LETRAS LIBRAS

CLAUDIA MARIA DELEK PACHECO

INÍCIO DA PROFISSÃO DO INTÉRPRETE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

CURITIBA

2019

CLAUDIA MARIA DELEK PACHECO

INÍCIO DA PROFISSÃO DO INTÉRPRETE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Artigo apresentado como requisito final à conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Libras, de disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – I, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Brenno Barros Douettes

CURITIBA

2019

RESUMO

O presente artigo analisa se os cursos de Libras preparam seus alunos para atuar como intérpretes educacionais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa documental e analisados os conteúdos programáticos de três cursos de Libras, comparando-os. A partir da discussão realizada, alguns resultados podem ser destacados: em primeiro lugar, o intérprete iniciante não possui conhecimento da língua na área educacional, mesmo assim interpretando os sinais que aprendeu em espaços como igrejas, cursos (básico, intermediário e avançado) e outros; a formação para intérpretes que optam em atuar na área educacional deve tratar, além das questões da fluência da língua de sinais, de aspectos que dizem respeito à função da escola, bem como ao papel da mediação pedagógica no processo de apropriação de conhecimentos do aluno surdo; seu trabalho pode ou não prejudicar os alunos surdos; os alunos surdos sentem-se marginalizados pela atuação com pouco vocabulário do intérprete.

Palavras-chave: Intérprete. Aluno surdo. Libras.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	5
2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	6
3.	METODOLOGIA.....	14
4.	RESULTADOS.....	17
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
6.	REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa enfoca o trabalho do intérprete iniciante de Libras (Língua Brasileira de Sinais) que atua em uma escola regular, pelo sistema do governo, para atender aos alunos surdos na sala de aula junto com os demais estudantes, possibilitando que todos se apropriem de saberes e experiências. Enfoca a atuação do intérprete de Libras e seu papel mediador na área educacional, bem como as condições em que desempenha sua atividade profissional.

O objetivo da presente pesquisa é focar nos cursos de Libras escolhidos pela pesquisadora de diferentes instituições e analisar se tais cursos dão preparo aos intérpretes iniciantes para trabalhar no contexto educacional.

A profissão do intérprete requer um conhecimento profundo da língua de sinais – Libras, para interpretar e/ou traduzir a Língua Portuguesa para Libras. O intérprete deve cumprir os cursos de Libras desde básico até avançado, conviver com a Comunidade Surda, participar as atividades extracurriculares como Seminários, Encontros, Oficinas e outros onde haja a presença da Libras.

Esta profissão é regulamentada pela Lei nº 12.319, de 1º de Setembro de 2010¹. O artigo 4º desta lei exige que os profissionais concluam os cursos credenciados pela Secretaria de Educação, cursos de extensão universitária, ou ministrados por educação profissional reconhecido pelo Sistema.

As escolas regulares recebem os intérpretes iniciantes contratados pelo governo ou pela prefeitura para acompanhar os alunos surdos matriculados. Estes intérpretes já aprenderam a língua de sinais nas igrejas, cursos intermediários de várias instituições como Feneis, centrais de Libras ou outros lugares, ou possuem a proficiência de nível 3 (nível iniciante). Ainda que com esses motivos, o intérprete apenas precisa ter qualificação necessária e básica para atuar. As escolas públicas recebem o intérprete, porém não faz conhecimento da qualidade da sinalização, muito menos o contratador. Ele apenas é enviado para suprir a necessidade de um ou vários alunos surdos. Isto nos leva a questão da pergunta da pesquisa: Os diversos cursos de Libras de diferentes contextos ensinam sobre sinais específicos ao contexto educacional,

¹ Essa lei regulamenta a profissão do intérprete, bem como sua formação e atribuições ao cargo, com postura ética e com respeito à pessoa humana e à cultura do surdo. Pode ser acessada através do link: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.html

preparando assim seus alunos para atuarem como intérpretes? Para responder a essa pergunta, analisamos e comparamos os currículos de três cursos básicos de Libras (módulo I) em diferentes contextos: Igreja Batista Ágape (2016), Colégio Estadual Hugo Simas (2013) e Inilibras - Treinamento e Consultoria (2019). Os resultados demonstram que há escassez de conteúdos que tratem a questão escolar e seus termos técnicos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A minha pesquisa sobre o papel do intérprete de Libras no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo mostra a função de intérprete dentro da sala de aula, o aluno surdo matriculado numa escola regular tem o direito de ser atendido por um intérprete no turno em que estuda, direito este que é garantido pelo Decreto nº 5.626/05². O tradutor intérprete de Língua de Sinais deve dominar as línguas oral e sinalizada do país que reside ou trabalha (no caso do Brasil, Libras e Língua Portuguesa).

O intérprete da Libras deve atuar de forma imparcial (sem interferência de opinião pessoal), confiante e ser sigiloso para a própria segurança do aluno surdo (LACERDA, 2000), ao caso contrário o aluno pode ser prejudicado em sua aprendizagem e sentir-se inseguro.

A profissão de intérprete não é só interpretar e traduzir entre as línguas, é necessário de ter conhecimento da cultura surda, da língua de sinais e sua gramática, de convivência com a comunidade surda e entre outros. Há muitos ouvintes que pensam que somente por estudar em cursos de Libras, cumprindo todos os níveis (básico até avançado), já estão aptos para o exercício da profissão de intérprete. Na realidade é preciso muito mais que somente isso. Quadros (2004, p. 28) observa cinco pressupostos importantes para este profissional:

- Confiabilidade (sigilo profissional quanto aos conteúdos e acontecimentos dentro da escola);
- Imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- Discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação, por exemplo, envolver com o aluno em forma de amizade ou com o professor, dar respostas prontas para as atividades, entre outros);
- Distância Profissional (o profissional intérprete não pode envolver/explicar/opinar sua vida pessoal dentro do trabalho);

² Os artigos 17 e 18 do Decreto nº 5.626/05 falam sobre a formação deste intérprete: o artigo 17 diz que a formação dos intérpretes acontece no curso superior de Tradução e Interpretação de Libras, enquanto o Parágrafo único do artigo 18 afirma que os cursos e a formação podem acontecer em Organizações Não-governamentais (ONGs) reconhecidas pelo MEC.

- Fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

Estes cinco pressupostos importantes, assim como as regras da profissão, ética profissional, postura e língua sinalizada são conhecimentos adquiridos pelo próprio intérprete em cursos de aperfeiçoamento e anos de convivência com surdos e outros intérpretes.

No momento de atuação em sala de aula, se o intérprete ou o aluno surdo estiver dúvida do conteúdo de aula, eles têm o direito de pedir para professor repetir, explicar ou adaptar a aula para evitar o prejuízo de aprendizagem durante da interpretação. O intérprete pode fazer a negociação com professor e pedagogo sobre aulas adaptadas. A interpretação de múltiplas disciplinas é cansativa e eventualmente algum conteúdo não possui vocabulário específico em libras. Nesses casos, o intérprete tem que providenciar os sinais durante aulas para não perder o conteúdo e acompanhamento da fala dos professores. Lacerda (2011, p. 5) afirma:

“O objetivo principal não é apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido por uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada e, conseqüentemente, eficiente.”

Na elaboração das aulas pelo professor com intérprete deve-se pensar em como adaptar atividades/provas e facilitar a compreensão do aluno surdo, além de estratégias para a interação entre o professor e o aluno.

Idealmente o professor terá o conhecimento de Libras e da cultura surda, o que tornará seu trabalho mais fluido. Caso não tenha, o intérprete deve ajudar os professores com sugestões, opiniões e adaptações contemplando as características da língua e cultura.

O professor deve interagir os alunos surdos para a melhor aprendizagem deles, muitas vezes os alunos sentem-se excluídos pelos próprios professores quando eles falam diretamente aos intérpretes, não se esforçam em se comunicar com o surdo, não adapta as atividades pedagógicas, entre outros. Quando isso acontecer, os intérpretes devem orientar os professores a olhar, conversar e ter diálogos diretamente com os alunos surdos.

Se os intérpretes não tiverem conhecimentos corretos sobre surdos, sua cultura, sua língua e suas identidades, podem acabar prejudicando em si próprios como profissionais, pois o aluno não se desenvolve e a escola não passa a ser inclusiva.

Depois de muitos anos da luta, o Congresso Nacional decretou a Lei do Intérprete de Libras (Lei nº 12.319/2010), regulamentando a profissão de tradutor e intérprete de Libras.

Observa-se nos artigos 2º e 4º:

"o tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - língua portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo sistema que os credenciou; II - cursos de extensão universitária; e III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação." (Lei nº 12.319/2010)

A partir deste trecho da lei, a profissão que antes era desvalorizada passou a ser reconhecida. Temos que é importante para os intérpretes iniciantes devem buscar os cursos de aperfeiçoamento fora da igreja, dos cursos e outros para desenvolver a sua profissão, seguir os regulamentos da Lei e ter prática de sala de aula.

O tradutor/intérprete de Libras é o profissional que interpreta e traduz a língua para outra língua, permitindo a comunicação entre duas culturas diferentes, fazendo de funções extralinguísticas, ou seja, combinando da melhor forma a sinalização de uma língua para outra, usando fatores que são fora da língua, mas que complementam a ela. Durante a interpretação, os intérpretes devem interpretar corretamente e claramente para os surdos, precisam ser capazes de formular as sentenças sem ocultar ou omitir as informações. Para isso, devem organizar as informações com base nas suas competências para poder transmiti-las na língua alvo com neutralidade, ética e postura profissional.

A perspectiva da interpretação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar?

Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (QUADROS, 2004, p. 80)

A citação acima mostra o que um profissional intérprete deve fazer na hora de interpretar com duas línguas diferentes. É preciso muito mais que só saber a Libras. Sinalizar a língua de sinais nunca é simples ou básico, observamos que os discursos têm diferentes tipos dependendo do local e que para ser fluente é necessário buscar as possibilidades de formulação das ideias ao expressar-se em língua de sinais. Realizar cursos especializados em interpretação e tradução ajuda a ter conhecimentos e experiências dos outros intérpretes, entretanto a prática é outra realidade, é necessária convivência com a comunidade surda e sinalizar em vários lugares e contextos (como hospitais, justiça, evento, trabalho e outros) fora de sala de aula por causa dos elementos linguísticos e referências. Segundo Quadros (2004, p. 79): “O foco está no vocabulário e nas frases. Decisões sobre o significado estão baseadas nas palavras. Pensa-se no intérprete como um reproduzidor de textos, sinais, palavras sentenças”.

Muitas vezes a tradução é interrompida pelo surdo por falta de conhecimento linguístico; é o caso de estudantes que não são fluentes da língua de sinais ou que utilizem somente gestos. Assim, o papel do tradutor envolve também apropriar-se do conhecimento prévio do discurso de forma que lhe permita proporcionar possibilidades de compreensão ao estudante surdo.

Para o intérprete não ter dificuldade na hora de interpretação, é importante ao entrar em contato com aluno surdo, perceber qual a fala que ele utiliza nos dias a dias para discutir termos, significados, esquemas e demais estratégias para auxiliar melhor a sua interpretação e aprendizagem, evitando interrupções constantes. No contexto da sala de aula, o intérprete e o aluno podem negociar com professores sobre as estratégias de aula, como diz Lacerda (2002, p. 123).

“O intérprete precisa poder negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e por vezes mediar a relação com o aluno, para que o conhecimento que se almeja seja construído. O incômodo do professor frente à presença do intérprete pode levá-lo a ignorar o aluno surdo, atribuindo ao intérprete o sucesso ou insucesso desse aluno.”

O intérprete iniciante, antes de começar as aulas, deve conversar com a equipe pedagógica e direção da escola sobre atendimento de qualidade razoável quando receber o aluno surdo, negociar com eles e com professores sobre adaptação de aulas e avaliações, e considerar outras estratégias como um minicurso de Libras para alunos na sala de aula.

É muito comum também que os intérpretes peçam aos professores que lhes passem antes da aula os conteúdos das disciplinas como Biologia, História, Matemática entre outros para estudar antes das aulas e também consultar os termos de sua área em Libras.

A maioria de vezes, as próprias escolas regulares não conhecem a cultura surda nem a língua de sinais, e ficam desestruturadas ao receber um aluno surdo. Nestes casos, o papel do intérprete compreende ainda apresentá-las.

O responsável pela aquisição do conhecimento é sempre o professor, entretanto nem todos os professores conhecem a Libras. Por isso, o intérprete pode organizar seu planejamento, elaborando as estratégias linguísticas e referenciais junto com professores para a aprendizagem do aluno surdo. O intérprete iniciante precisa tomar muito cuidado ao planejar as aulas, porque às vezes ele acaba fazendo o papel de professor. O professor é responsável por ministrar a disciplina, ensinar conteúdos e preparar as atividades, avaliações, seminários, entre outros. O intérprete tem o papel de mediar o conhecimento, sendo o responsável em repassar ao aluno, na língua dele, o conteúdo dado pelo professor. O ideal é orientar os professores a fazer suas próprias aulas adaptadas, ensinando eles como usar os materiais visuais e culturais.

É importante que os intérpretes promovam a autonomia do aluno surdo, evitando fazer tudo para ele ou ainda dar apoios indevidos como “passar cola” na hora de prova ou escrever no caderno dele só porque ele faltou às aulas. É possível que essas ações sejam motivadas por um sentimento de piedade pela dificuldade do aluno surdo. Considerando uma situação hipotética em que esse sentimento do intérprete de fato levasse a uma cola: o estudante surdo seria “ajudado” e no dia seguinte à prova, poderia ficar acomodado. Isso traria um mal maior para o próprio intérprete, uma vez que o estudante ficaria muito dependente destes apoios no dia a dia escolar. Isso reforça que o profissional não é aluno, apenas exerce uma função de intérprete entre duas línguas.

Como a função do intérprete é transitar entre duas línguas simultaneamente, se o intérprete iniciante não possui conhecimento linguístico aprofundado, como fica a situação do estudante surdo? Para ter um resultado ótimo, é preciso que o intérprete profissional seja fluente nas duas línguas, tendo conhecimento linguístico, de variação regional, cultural e comunidade surda. Como diz Quadros (2004, p.73):

“Traduzir um texto em uma língua falada para uma língua sinalizada ou vice-versa é traduzir um texto vivo, uma língua viva. Acima de tudo deve haver um conhecimento coloquial da língua para dar ao texto fluidez e naturalidade ou solenidade e sobriedade se ele for desse jeito.”

Como diz Quadros (2004), a tradução e interpretação são simultâneas, por isso é importante para intérpretes iniciantes terem as competências das duas línguas, ser fluentes e bilíngues em ambas as línguas. Essas competências são importantes na área de interpretação e tradução, visando entender como o aluno surdo elabora a construção das ideias e dos conceitos. Um dos motivos que leva as escolas municipais e estaduais a contratar intérpretes iniciantes, que tenham apenas um único certificado, é a falta de profissionais na área. Lembrando que existe alguns intérpretes, ainda que com um único certificado, possui familiares surdos ou convivem com sujeitos surdos há anos e possuem ótima sinalização. Por outro lado, os que não são assim, podem prejudicar ou atrasar a progressão do aluno surdo.

Veja as competências seguintes por autor Roberts (1992) *apud* Quadros (2004, p.73-74):

- Competência linguística – habilidade de entender o objeto da linguagem usada em todas as suas nuances e expressá-las corretamente, fluentemente e claramente.
- Competência para transferência – habilidade para compreender a articulação do significado no discurso da língua fonte.
- Competência metodológica – habilidade em usar diferentes modos de interpretação.
- Competência na área – conhecimento requerido para compreender o conteúdo de uma mensagem que está sendo interpretada.

- Competência bicultural – conhecimento das crenças, valores, experiências e comportamentos da língua fonte da língua alvo.
- Competência técnica – habilidade de interpretar.

Apesar destes tipos de competência ser importantes para a interpretação e tradução, os cursos de Libras não contemplam esses conteúdos. Por isso, os intérpretes iniciantes devem buscar conhecimento além dos cursos de Libras, participando de congressos, mesas redondas, envolvendo-se em pesquisas e dedicando-se a cursos profissionalizantes na área de tradução e de interpretação (principalmente os que contemplam atividades práticas, não só teóricas).

A inclusão de alunos surdos nas escolas regulares é um tema bastante discutido atualmente, envolvendo a língua de sinais, cultura surda e profissionais intérpretes. Ignorar esses aspectos traz a possibilidade de atraso no processo de ensino-aprendizagem, ou mesmo até um quadro de fracasso escolar. Para isto, é necessário repensar toda a organização escolar com proposta pedagógica, acessibilidade, adequação curricular, práticas educativas e Libras para atender às suas necessidades e cumprir de fato o objetivo educativo. Não pode acontecer apenas uma inclusão de presença física dessa criança no espaço escolar.

Na escola, o aluno surdo atinge um nível de desempenho escolar satisfatório no momento em que há preocupação com a sua historicidade, entendimento sobre a diversidade linguística e uma educação escolar diferenciada – com respeito ao uso da Libras, adaptação de materiais visuais e integração com outros alunos não surdos.

A diferença de identidade, linguística e cultura surda de um aluno surdo dentro da escola regular é um impacto muito grande. Muitas escolas não têm materiais visuais, os professores estão despreparados e pedagogas não conhecem a Libras. Nesse cenário, os intérpretes tornam-se responsáveis pelo aluno surdo, por isso é importante que estes intérpretes estejam preparados, fluentes na Libras como sua segunda língua e sempre à disposição para negociar com a escola para atender melhor o aluno surdo.

A Libras é uma língua visuoespacial utilizada naturalmente em comunidades surdas brasileiras e permite seus usuários se expressarem sentimentos, ideias, ações e qualquer conceito e/ou significado para estabelecer uma interação com as demais pessoas. De acordo com a autora Gesser, (2009, p.

21): “A língua de sinais possui todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural”.

A nossa língua é uma língua natural, de forma que pode ser aprendida como língua materna por uma criança surda desde o nascimento. Mesmo as crianças surdas que aprendem Libras tardiamente, a cada dia aprendem um novo significado, uma nova visão e a ter orgulho da sua identidade.

O aluno surdo chega à escola sem intérprete é como entrar num outro país sem conhecimento nenhuma língua. Sem acesso linguístico não há acesso à inclusão de verdade. É importante que os intérpretes estejam preparados para receber qualquer tipo de aluno surdo, independentemente de seu nível de fluência, sua cultura, sua história e sua principalmente identidade.

O intérprete educacional trabalha ativamente no processo de ensino-aprendizagem não só interpretando conteúdos como também se envolvendo de modo a torná-los acessíveis ao aluno, conversando e trocando as informações com escola inteira para atender ao aluno surdo. Em uma classe, os intérpretes devem *“empregar e desenvolver estratégias tradutórias e interpretativas para lidar com os textos escritos e orais e com o tipo de discurso específico ao seu contexto de atuação, principalmente o gênero aula.”* (ALBRES, 2018, apud ALBRES, 2015).

São visíveis que o trabalho do intérprete exige várias demandas mentais e técnicas, não apenas o ato de interpretar mas de pensar em dar ao aluno a mais clareza das sinalizações, lhe dando o direito linguístico pleno de acontecer de fato o acesso á educação. Um intérprete que pensa e trabalha dessa forma deve ter conhecimento teórico e prático acerca da Libras.

No Brasil, existe o curso de graduação denominada Letras Libras, ofertadas na modalidade licenciatura ou bacharelado. São dois cursos semelhantes, porém com enfoques diferentes em sua grade curricular. Vejamos o quadro abaixo uma comparação das disciplinas do curso de Licenciatura e Bacharelado na modalidade á distância.

Disciplinas dos Cursos de Letras Libras EaD – Licenciatura (2006) e Bacharelado (2008).

DISCIPLINAS COMUNS	DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DA LICENCIATURA	DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DO BACHARELADO
PRIMEIRO SEMESTRE DO CURSO		
Introdução à Educação à Distância Introdução aos Estudos da Tradução Fundamentos da Educação de Surdos Estudos Linguísticos	Introdução aos Estudos da Literatura	Estudos da Tradução I
SEGUNDO SEMESTRE DO CURSO		
Escrita de Sinais I Língua Brasileira de Sinais I Fonética e Fonologia Morfologia	Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas	Estudos da Tradução II
TERCEIRO SEMESTRE DO CURSO		
Escrita de Sinais II Sintaxe Aquisição da linguagem Sociolinguística Língua Brasileira de Sinais II	∅	∅
QUARTO SEMESTRE DO CURSO		
Escrita de Sinais III Língua Brasileira de Sinais III	Ensino de Língua Materna História da Educação dos Surdos Teorias da educação e estudos surdos	Estudos da Tradução III Aquisição de Segunda Língua Laboratórios de Interpretação Libras-Língua Portuguesa I
QUINTO SEMESTRE DO CURSO		
Literatura Surda Leitura e Produção de Textos Língua Brasileira de Sinais IV Semântica e Pragmática	Educação de Surdos e Novas Tecnologias	Psicolinguística
SEXTO SEMESTRE DO CURSO		
Análise do Discurso Língua Brasileira de Sinais V	Didática e Educação de Surdos Psicologia da Educação de Surdos Tradução e Interpretação da língua de sinais	Aquisição da língua de sinais Tradução e interpretação da língua de sinais I Laboratórios de Interpretação Libras-Língua Portuguesa II
SÉTIMO SEMESTRE DO CURSO		
Língua Brasileira de Sinais VI	Metodologia de Ensino em Literatura Visual Metodologia de Ensino em Libras como L1 Metodologia de Ensino em Libras como L2	Estágio em Interpretação da Libras Tradução e interpretação da língua de sinais II Laboratórios de Interpretação Libras-Língua Portuguesa III
OITAVO SEMESTRE DO CURSO		
∅	Estágio em Literatura Visual Estágio em Ensino em Libras como L1 Estágio em Ensino em Libras como L2	Trabalho de Conclusão de Curso Estágio em Tradução Escrita da Libras e Língua Portuguesa Laboratórios de Interpretação Libras-Língua Portuguesa IV
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (Atividades de Pesquisa, Atividades de Extensão e Seminários)		

Fonte: Rodrigues (2018)

Rodrigues (2018) em um estudo acerca da proposta curricular dos cursos de formação para intérpretes das universidades federais brasileiras exalta que:

“Mesmo sem realizar uma análise pormenorizada do programa das disciplinas do curso de Bacharelado em Letras Libras EaD – de suas ementas, objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação e referências bibliográficas, é possível afirmar que a ênfase formativa dos intérpretes e tradutores intermodais de Libras-Português por meio dessa graduação, no que tange ao caráter de suas disciplinas, está, sobretudo, fundamentada no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e saberes linguísticos, pragmáticos e/ ou sociolinguísticos sobre as línguas de trabalho, quase exclusivamente sobre a Libras.” (p.204)

Tais especificações são fundamentais para o intérprete educacional, já que se trata de um curso de graduação, com disciplinas voltadas á competência linguística.

No Brasil, a atuação do intérprete educacional é recente e trazem ainda indagações sobre sua formação, práticas e a realidade que vivencia na escola. São essas inquietações que justificaram a elaboração da pesquisa apresentada e as análises que se seguem.

3. METODOLOGIA:

Para identificarmos se os cursos (básico, intermediário e avançado) de Libras preparam os alunos para atuarem como intérpretes, realizamos uma pesquisa documental cuja finalidade é realizar comparação e análise dos conteúdos abordados. Coletamos os conteúdos programáticos, disponíveis virtualmente, de três cursos de Libras de diferentes contextos educacionais.

Veja a seguir os conteúdos correntes a cada curso (identificados como Curso A, Curso B e Curso C):

CURSO A

O primeiro curso encontrado foi um curso extensivo de uma instituição religiosa, a Igreja Batista Ágape em Fortaleza (CE), no ano de 2016, com aulas de três horas aos sábados, por doze semanas (três meses), com a finalidade de ensinar pessoas vocacionadas a evangelizar.

Veja abaixo a tabela com os conteúdos do curso do Módulo I com a carga horária de 36 horas.

01	Alfabeto
02	Sinais
03	Numerais
04	Saudações
05	Calendário
06	Parentesco
07	Verbos
08	Antônimos, Adjetivos, Advérbios
09	Sinais Cristãos
10	Evangelismo Criativo
11	Como iniciar um Ministério com Surdos
12	Aulas de Campo - Prático Evangelismo

Tabela 01 – Conteúdo programático de um curso em uma instituição religiosa

CURSO B

O segundo curso analisado foi realizado no centro especializado em surdez do Colégio Estadual Hugo Simas em Londrina (PR), no ano de 2013, oferecido à

comunidade escolar, familiares de surdos e interessados. Abaixo apresentamos a tabela dos conteúdos do curso do módulo I com carga horária total de 40 horas:

01	Identidade e cultura de surdo;
02	Alfabeto manual e numerais;
03	Apresentação e dialogo “ficha cadastral” em alfabeto manual e numeral;
04	Gramática: Expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpes etc.
05	Apresentação de características pessoais;
06	Pronomes pessoais: (eu, ele, ela, você, nós, eles, elas, vocês) frases libras contexto, frases afirmativas e negativas; (atividade alunas cria frase em libras contexto)
07	Noções da sintaxe das Libras: frase afirmativas e negativas;
08	Objetos gerais da escola, Família, Frutas e animais, Dinâmica de animais;
09	Aspectos sociolinguísticos: variação em LIBRAS de Sinais de Transportes diversos em contextos;
10	Introdução à morfologia das LIBRAS: nomes (substantivos e adjetivos), alguns verbos e alguns pronomes;
11	Números, noções de tempo e de hora.

Tabela 02 – Conteúdo programático de um curso em uma escola

CURSO C

O terceiro curso encontrado é um curso virtual online da instituição IniLibras - Treinamento e Consultoria (2019) em que as aulas são ministradas a distância e os alunos utilizam a plataforma Moodle para se comunicar com o professor. O curso pretende alcançar profissionais e familiares que desejam se comunicar em Libras.

Apresentamos abaixo os conteúdos abordados no módulo I do curso com a carga horária de 80 horas.

(continua)

01	História dos surdos;
02	Oralismo, bilinguismo e comunicação total;
03	Aspectos de surdez;
04	Legislação e acessibilidade;
05	O que é Libras;
06	Estratégias de aprendizagem de libras;
07	Parâmetros da libras;
08	Alfabeto manual e numerais ordinais e cardinais;
09	Sinais de família, cumprimentos e apresentação pessoal;
10	Sinais de tempo e marca de tempo;
11	Expressões idiomáticas e o regionalismo;
12	Sinais de alimentos, frutas e bebidas;
13	Sinais de esportes, saúde, corpo humano e higiene;

(conclusão)

14	Gramática da Libras I (processo de formação de palavras, sistema pronominal, adjetivos, comparação);
15	Sinais de países, estados e natureza,
16	Sinais de verbos, utensílios domésticos e casa;
17	Sinais de valores, pesos e medidas, cores, documentos e materiais escolares;
18	Sinais de meios de comunicação, transportes, informática e instrumentos musicais.

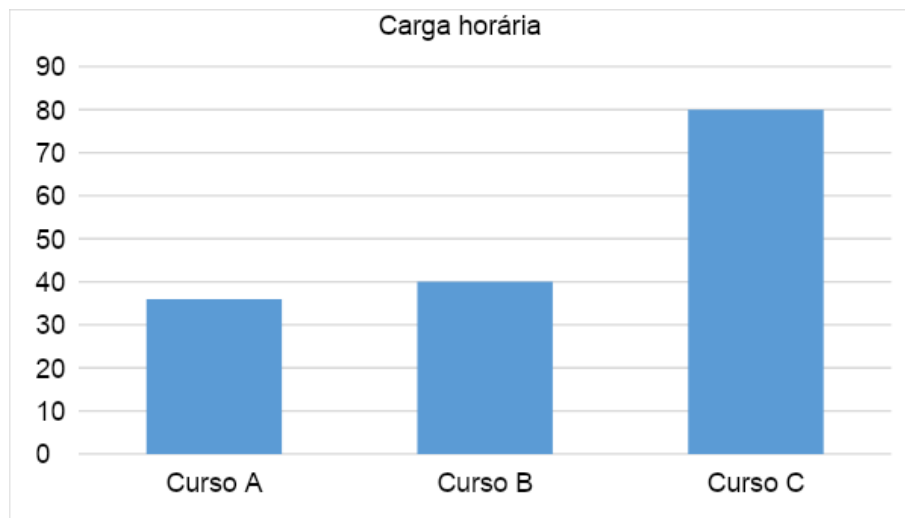
Tabela 03 – Conteúdo programático de um curso online

Estudamos, assim, os conteúdos pertinentes a cada curso, levando em consideração sua carga horária.

Fizemos então um comparativo entre os conteúdos, para a percepção da igualdade dentre os mesmos, e se os cursos preparam os alunos para se tornarem intérpretes de contexto educacional.

4. RESULTADOS

Foi percebido que os três cursos básicos (módulo I) de se diferenciam quanto a sua carga horária, a seguir o gráfico:



O **CURSO A** tem 36h, **CURSO B** tem 40h e o **CURSO C** tem 80h; como os três cursos têm uma carga horária diferente, percebemos que cada um ensina a quantidade de conteúdos que sua carga horária permite.

Fizemos um comparativo dos principais conteúdos dos três cursos, veja a tabela a seguir:

Conteúdo	Curso A	Curso B	Curso C
Alfabeto Manual	✓	✓	✓
Numerais	✓	✓	✓
Cotidiano	✓	✓	✓
Cumprimentos	✓	✓	✓
Parâmetros	✗	✓	✓
Sistema pronominal	✗	✓	✓
Cultura Surda	✗	✓	✓
Sinais Cristãos	✓	✗	✗
Evangelismo	✓	✗	✗
Gramática	✗	✓	✓
Verbos	✓	✗	✓

Os três cursos ensinam o alfabeto manual, numerais e alguns sinais pertinentes ao uso cotidiano para dialogar. Além disso, os cursos B e C apresentam os cumprimentos, parâmetros, sistema pronominal e aspectos relacionados a gramática e cultura surda. Os cursos A e C dispõem do ensino específico dos verbos, e o curso A foi o que mais se diferenciou ao ensinar conteúdos relacionados a saudações, sinais cristãos, evangelismo e afins que não são específicos da área da educação. O curso B foi o que mais utilizou formalidade ao se referenciar aos conteúdos abrangendo vários assuntos, no entanto, não apresentou sinais específicos de uso escolar, coerentes às disciplinas ministradas em uma escola. O curso C se aproxima do curso B, porém com menos formalidade; é também o que mais apresentou conteúdo, possivelmente pelo fato de ser porque possui mais carga horária. Percebemos que os três cursos, apesar de terem finalidades diferentes ensinam a maioria dos conteúdos abordados, no entanto não é ensinado conteúdo específico do contexto escolar. Percebe-se assim que as pessoas que desejam atuar como intérpretes não devem apenas estudar curso de Libras, pois, na hora de interpretar, não saberão os sinais, e acabarão angustiados por não conseguir passar a mensagem ao surdo. Para trabalhar em contexto educacional não se deve apenas saber Libras, mas também os sinais pertinentes aos conteúdos aplicados. Os três cursos apresentados são apenas um exemplo de ensino de Libras para ouvintes, mas sabemos que existem muitos outros cursos de Libras, de diferentes cargas horárias que devem ser analisados a fim de perceber se capacitam intérpretes de Libras ou não. Deve-se sempre explicar aos alunos que iniciam os cursos de Libras com o objetivo de ser intérpretes como é a realidade na área educacional; assim, quando se formarem, poderão procurar cursos específicos de intérpretes de área educacional e se forem aprovados em banca de proficiência, saibam que têm um longo caminho de aprendizado de Libras pela frente. Dessa forma, o aluno surdo não será prejudicado. Percebemos também que o curso de Libras não dá ao aluno as quatro competências propostas por Robertz (1992 apud Quadros, 2003, p. 73-74) a competência linguística, pela transferência, metodológica, na área, bicultural e técnica. Somente vários anos de estudos, participação em congressos, seminários, conferências de aprendizado da atuação dos intérpretes e, essencialmente, o convívio com a comunidade surda (para adquirir a cultura,

hábitos, sinais da sua região) irão propiciar ao profissional intérprete uma melhor interpretação dentro da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compararmos os cursos de libras A, B e C, percebemos que estes não preparam os discentes para atuarem em uma escola, sendo necessários estudos posteriores em cursos especializados em interpretação de contexto educacional. O curso de Libras isolado não capacita para ser um profissional, apenas para se comunicar com o surdo funcionalmente. Esta função é apoiada também pelas bancas de proficiência. Percebemos a necessidade de pesquisas futuras para analisar como as bancas avaliam os intérpretes e se esse formato de prova consegue perceber se os mesmos têm capacidade para atuar em escolas ou não. Sabemos que essa capacidade envolve um trabalho extremamente árduo, pois exige o sigilo profissional, a neutralidade para que não interfira com suas opiniões, a discrição e manter a vida pessoal separada da profissional, sempre mantendo a fidelidade na hora da interpretação.

Assim, é necessária uma mudança no sistema, como horários antecipados de estudos que serão ministrados em sala de aula pelo professor e cursos específicos para intérpretes de área educacional, a fim de melhorar a sua atuação em sala de aula. O intérprete de Libras precisa conhecer as competências linguísticas e saber com quais disciplinas tem mais afinidade para realizar a interpretação. Devemos pensar sempre no aluno surdo, e atentar isso aos estudantes que pretendem ser intérpretes, para que assim a educação de surdos prossiga de verdade.

Fica enaltecida a importância do curso de graduação em Letras Libras para os intérpretes que atuam ou desejam atuar na área de interpretação e tradução, visto que o curso demanda mais disciplinas que preparam para habilidades linguísticas que um intérprete deve ter, inclusive na área educacional. Apenas os cursos de Libras em si, não é suficiente para a demanda que as escolas exigem, ficando esses cursos com a finalidade de suprir uma comunicação com pessoas surdas, sendo então inviável como forma de se preparar para a interpretação escolar.

6. REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino; RODRIGUES, Carlos Henrique. **As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais.** Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso, São Paulo , v. 13, n. 3, p. 15-41, Dez. 2018.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 23 dez. 2005, Seção 1, n. 246, p. 28-30. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 31 out. 2019.

_____. Lei n. 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 02 set. 2010, Seção 1, n. 169, p.1. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm > Acesso em: 31 out. 2019.

COLÉGIO ESTADUAL HUGO SIMAS, 2013. Disponível em <<http://www.ldahugosimas.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/60/arquivos/File/CursodeLIBRAS.pdf> > Acesso em: 31 out. 2019.

GESSER, A. **Libras ? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola, 2009.

IGREJA BATISTA AGÁPE. 2016. Disponível em <http://agapefortaleza.com/curso-de-libras/> Acesso em: 31 out. 2019.

INILIBRAS – Treinamento e Consultoria. 2019. Disponível em <<https://www.inilibras.com.br/index.php/cursos-2/33-curso-de-ensino-universitaria-de-libras-modulo-i-80h> > Acesso em: 31 out. 2019.

LACERDA, C. B. F. **A prática pedagógica mediada pela língua de Sinais: trabalhando com sujeitos surdos.** Caderno CEDES, Unicamp, Campinas, ano XX, n. 50, 2000.

_____. **O intérprete educacional de língua no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades.** In: LODI, A.C.B. et al. (org). Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.

_____; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos.** In: Coleção UAB – UFSCar. Língua de Sinais Brasileira: uma introdução. São Carlos: Departamento de Produção Gráfica da UFSCar, 2011.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. Translatio, n. 15, 2018a.